



MUSEU DO FUNICULAR: palavra do diretor da Regional São Paulo da ABPF

Há mais de 10 anos comecei minha jornada dentro da ABPF com assuntos relacionados ao Museu do Funicular, isso lá por volta de 2014, na época como Diretor Secretário da ABPF, onde comecei a acompanhar as reuniões junto ao Ministério Público Federal relacionado a ACP – Ação Civil Pública sobre todo o complexo de Paranapiacaba a pedido do Diretor Presidente da ABPF na época. Não nego que inicialmente nem sabia bem o que estava acontecendo, foi preciso um tempo até me inteirar de tudo e começar a pensar em formas de transformar aquilo em algo produtivo para a preservação deste fantástico complexo.

Foram inúmeras discussões e reviravoltas tanto com parceiros, discussões jurídicas, etc. Mas, anos mais tarde, já a frente da ABPF como Diretor Presidente ficou claro que era necessário criar um plano de ação que fosse possível a ABPF resolver a “questão” do Museu de forma independente, sem depender de parcerias ou patrocínios. Obviamente nossa entidade não é contra isso e não teria chegado aonde chegou sem os incontáveis parceiros em seus quase 50 anos de existência. Mas não podíamos nos acomodar esperando chegar um grande “salvador” que iria resolver todos os problemas do Museu, seria algo injusto e fora do feito da ABPF em relação ao patrimônio, bem como um risco jurídico para nossa entidade.

Assim por volta de 2021 comecei a elaborar um Plano de recuperação do Museu que coubesse “dentro da estrutura” da ABPF, que fosse algo realizável pela entidade com seus próprios recursos, imaginando a pior situação, em que não teríamos nenhuma parceria. Os primeiros passos nessa direção foram a contratação de uma consultoria de arquitetura para assim darmos início aos primeiros projetos. A Gabriela Braga nossa arquiteta aceitou o desafio e assim começamos o plano e definir por onde iríamos começar.

No mesmo ano assumi interinamente a gestão da Regional de



São Paulo da ABPF e ali tínhamos um outro grande desafio, pois a Regional estava com sérios problemas financeiros e de gestão. Então ao mesmo tempo que tínhamos que cuidar do museu, também surgiu a missão de reestruturar a Regional São Paulo.

Logo depois, em 2022, a regional de SP foi confiada a mim pelo novo Diretor Presidente Marlon Ilg, na sequência convidei o Alexandre Pisciotano a se juntar à equipe da regional e hoje ele está na linha de frente das atividades e do dia a dia desta. Aos poucos fomos fazendo uma junção com a Regional Sul de Minas, com grande apoio do seu Diretor Regional Jorge Sanches e dessa forma, fomos reconstruindo a regional, com foco em preservação e operação ferroviária.

Tivemos também ajuda de muitos outros, eu particularmente nunca gosto de citar nomes pois sempre corremos o risco de ser injusto com alguém, sempre digo que as vitórias da entidade são da ABPF, não minha ou de alguma pessoa em particular, é sempre um trabalho conjunto. Mas acredito que seria injusto não citar aqui o apoio também do Paulo Lima e do Adalberto Oliveira

com as questões operacionais da Mooca e do Trem de Guararema. Podemos dizer que hoje a regional de São Paulo é uma verdadeira integração de duas regionais da ABPF e, como dizemos internamente, nosso “posto avançado” das operações de bitola larga. E claro temos o Jonas Martins, que a frente das publicações da ABPF, mas nos bastidores sempre nos ajudando nas questões relacionadas a patrimônio e tombamento, conhecimentos fundamentais para lidar com Paranapiacaba.

Como veremos neste informativo, elaborado pelo Jonas, o trabalho do museu vai muito além de trabalhos diretos no complexo, envolveu muito trabalho de bastidores, desde elaboração de documentações, criação do plano museológico e diversos outros problemas por menores da regional que tomaram muito tempo da nossa gestão. Mas finalmente, com grande satisfação podemos apresentar aos associados da ABPF e ao público em geral os primeiros resultados concretos desta longa jornada, que ainda tem muito pela frente!

Bruno Sanches - Diretor da Regional São Paulo da ABPF

PROJETOS DE RESTAURAÇÃO: casas das 4ª e 5ª Machinas

A ABPF vem trabalhando desde 2021 na elaboração dos projetos de restauro de duas edificações que compõem o complexo do Museu do Funicular: as casas das 4ª e 5ª Machinas.

Essas são duas das edificações mais interessantes e características do sistema funicular; uma remonta ao primeiro sistema inaugurado em 1867 que acabou ficando conhecido como “Serra Velha”, onde circulavam as composições engatadas nos serra-breques. A outra remonta ao segundo sistema funicular, inaugurado em 1900 que acabou ficando conhecido como “Serra Nova”, onde circulavam as composições com os locobreques.

Ambas as edificações objeto desses projetos de restauração abrigam as máquinas fixas que eram utilizadas nos respectivos últimos patamares dos sistemas funiculares, onde no caso da “Serra Velha” era o 4º e na “Serra Nova”, o 5º, de onde originam-se as nomenclaturas 4ª e 5ª Machinas respectivamente.

Um longo caminho já foi percorrido até aqui, com formação de uma equipe de profissionais para elaboração dos projetos sob a responsabilidade da arquiteta Gabriela Braga. A primeira etapa desses projetos consistiu em um minucioso levantamento das duas edificações, com a completa medição e mapeamento fotográfico; identificação de patologias, prospecções dentre outros.

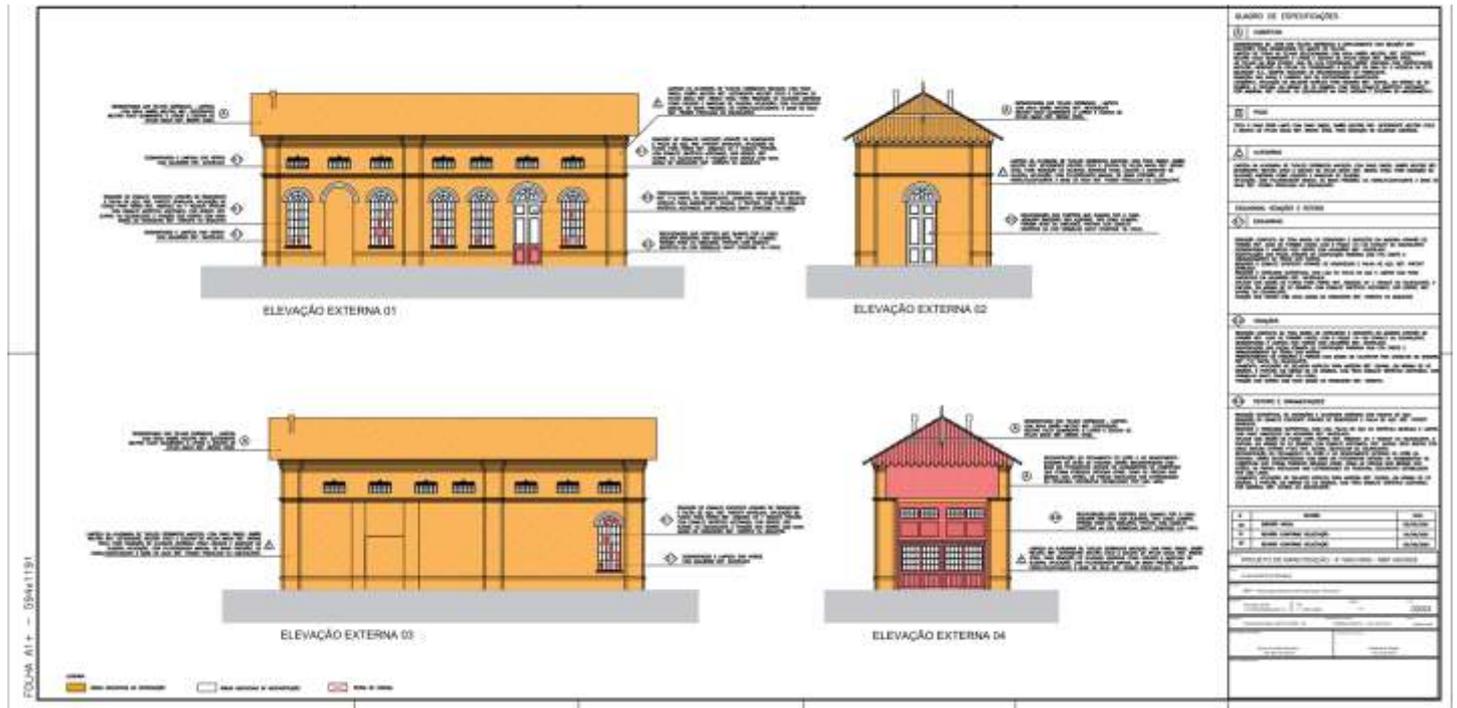
Em se tratando de bens sob os quais recaem mecanismos de proteção nas três esferas, federal, estadual e municipal, sendo tutelados respectivamente por IPHAN, CONDEPHAAT e COMDEPHAAPASA, os projetos de restauro precisam portanto ser analisados e aprovados pelos três órgãos, o que demanda tempo até pelo fato de haverem diretrizes particulares de cada um.

Já foi obtida a aprovação junto ao IPHAN, o qual aguarda apenas um cronograma de execução, o qual só poderá ser definido após a aprovação dos projetos que ainda encontram-se sob análise dos demais órgãos.

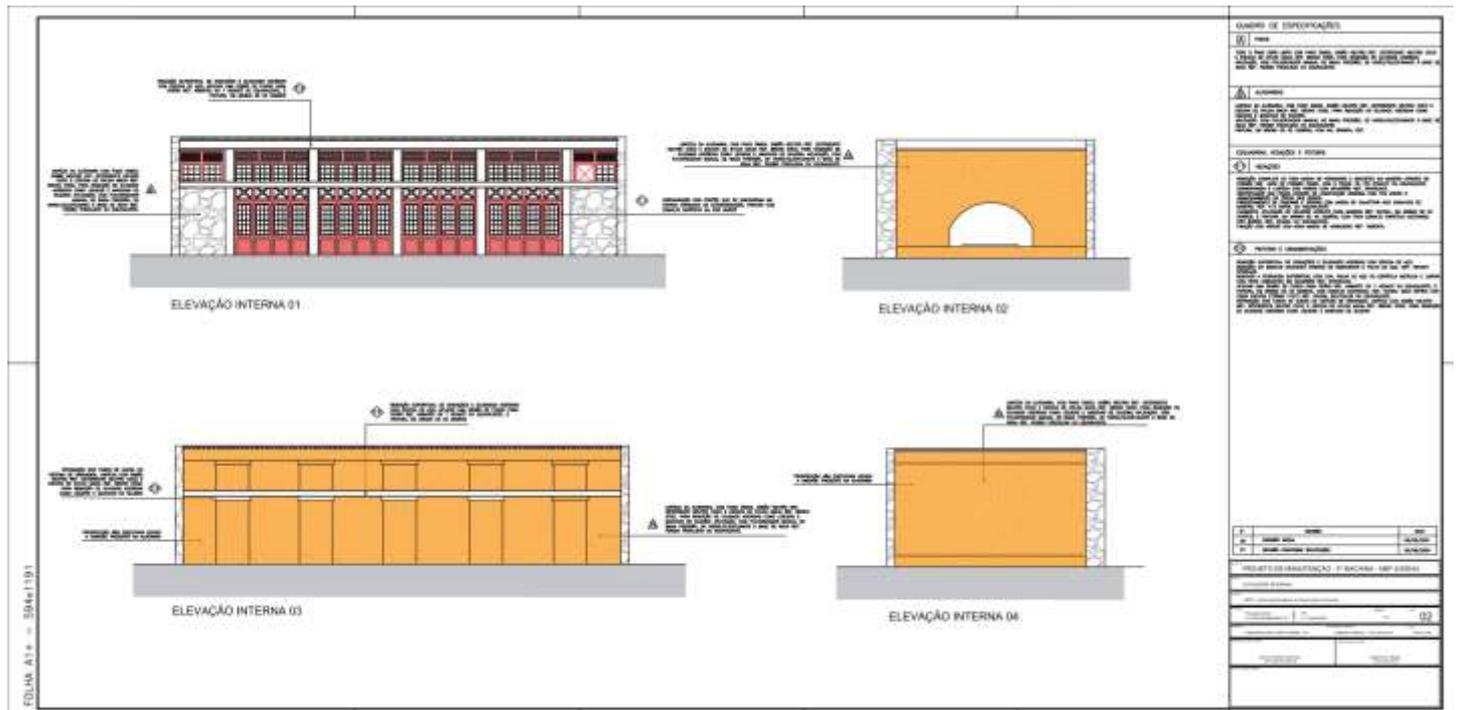
Espera-se que ainda nesse ano de 2025 obter as aprovações necessárias para início dos trabalhos.



◆ Algumas renderizações da maquete eletrônica com o aspecto final do projeto.



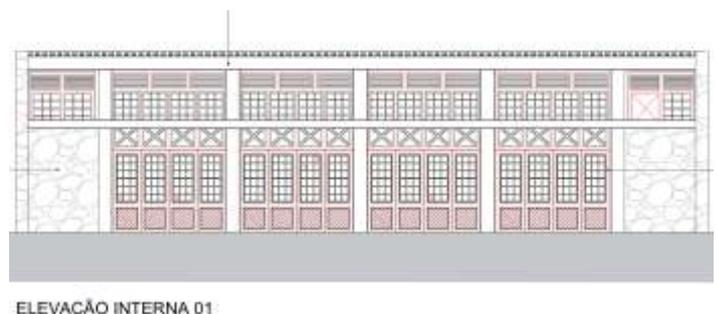
♦ Uma das pranchas que compõem o projeto de restauro da casa da 4ª Machina.



♦ Uma das pranchas que compõem o projeto de restauro da casa da 5ª Machina.



♦ Exemplo do detalhamento exigido nos projetos



♦ Exemplo do detalhamento exigido nos projetos

PLANO MUSEOLÓGICO: planejamento estratégico do museu



Elaborado em 2024, o Plano Museológico Participativo para o Museu Tecnológico Funicular da Vila de Paranapiacaba é um instrumento essencial para o planejamento estratégico do museu.

É a partir da elaboração deste documento que são definidas diretrizes

técnicas e funcionais, metas e projetos, norteados por um diagnóstico institucional, com o objetivo de qualificar um museu. Esta ferramenta de planejamento e gestão foi instituída pela Lei Federal 11.904/2009 – a Lei do Estatuto de Museus, regulamentada pelo Decreto Federal 8124/2013 –, que a tornou obrigatória para os museus brasileiros.

Sendo um plano participativo, a equipe técnica, composta por profissionais das áreas da Museologia e do Patrimônio, envolveu a comunidade da Vila de Paranapiacaba – moradores, trabalhadores, comerciantes, monitores ambientais e culturais, pesquisadores, gestores locais além da ABPF na construção desse documento, o qual está disponível no site do Museu do Funicular.

Assim, este documento resulta de um trabalho coletivo, da equipe técnica, da comunidade da Vila de Paranapiacaba e da ABPF, com o objetivo de nortear as ações de qualificação para o museu. O Plano Museológico é um instrumento que consolida a instituição no campo museológico paulista e nacional, permitindo novas formas de promover o desenvolvimento do Museu.

CONHEÇA O PLANO

O Plano Museológico está disponível no site:

www.museufunicular.com.br



◆ Evento de entrega do Plano Museológico.



◆ O Grupo técnico que elaborou o Plano Museológico, juntamente com Diretoria e colaboradores da ABPF durante visitas em campo no Museu Tecnológico de Paranapiacaba.



◆ Capa do Plano Museológico Participativo para o Museu Tecnológico Funicular da Vila de Paranapiacaba.

MÃOS NA MASSA: principais ações práticas que já vem sendo realizadas

Além dos trabalhos mostrados anteriormente, nos últimos anos várias ações de conservação, limpeza e mitigação de riscos vem sendo realizadas visando a salvaguarda do museu e de seu acervo.

Enquanto aguarda-se a aprovação dos projetos de restauro das duas edificações citadas anteriormente, a equipe de manutenção vem atuando em toda a área do complexo do museu, realizando ações como capina, roçada, poda, limpeza e vigilância.

O clima de Paranapiacaba é um dos maiores desafios: no alto da serra, em meio a Mata Atlântica, com altos índices de umidade, além da maresia que ali chega criam uma combinação única - e perfeita - para a

rápida degradação dos bens, sejam de alvenaria, sejam de madeira, sejam de metal.

Enfrenta-se uma verdadeira batalha contra esses fatores, que favorecem também o rápido crescimento da vegetação, demandando grande dedicação de horas de trabalho da equipe apenas para manter a área roçada e limpa.

O que é um dos grandes atrativos do local, a famosa neblina, uma constante o ano todo, trás consigo muita umidade e maresia, além de limitar as condições de trabalho, uma vez que muitas das vezes a visibilidade fica extremamente reduzida, além dos perigos de se manusear equipamentos, principalmente elétricos, em tais condições.

Outro desafio enfrentado é a escassez de mão-de-obra no local, visto a pequena quantidade de moradores existentes, os quais já possuem suas ocupações, demandando então a transferência de equipes de outros locais para realizar os trabalhos.

Mas, mesmo diante desse cenário, a ABPF não deixa de atuar e diversas ações de manutenção e conservação vem sendo realizadas.

Com a reorganização administrativa da Regional São Paulo, ao longo dos últimos anos várias ações de manutenção vem sendo realizadas e, este ano de 2025 iniciou-se de forma muito promissora, com importantes avanços e ações de maior vulto sendo executadas.



◆ *Conservação do acervo: limpeza e tratamento realizados na locomotiva a vapor nº15.*



◆ *Conservação do acervo: limpeza e tratamento realizados no Serra Breque nº 2011.*



◆ *Conservação do acervo: limpeza e tratamento realizados no maquinário da antiga oficina.*

Dentre as ações que já foram realizadas, temos a reparação completa do telhado da oficina de Locobreques e o conserto da estrutura do telhado da parte da entrada da bilheteria além da limpeza de vegetação e lodo nas paredes e telhados e limpeza de toda a área do museu, sendo que essas últimas são realizadas constantemente.



◆ Reparos no telhado da oficina dos Locobreques.



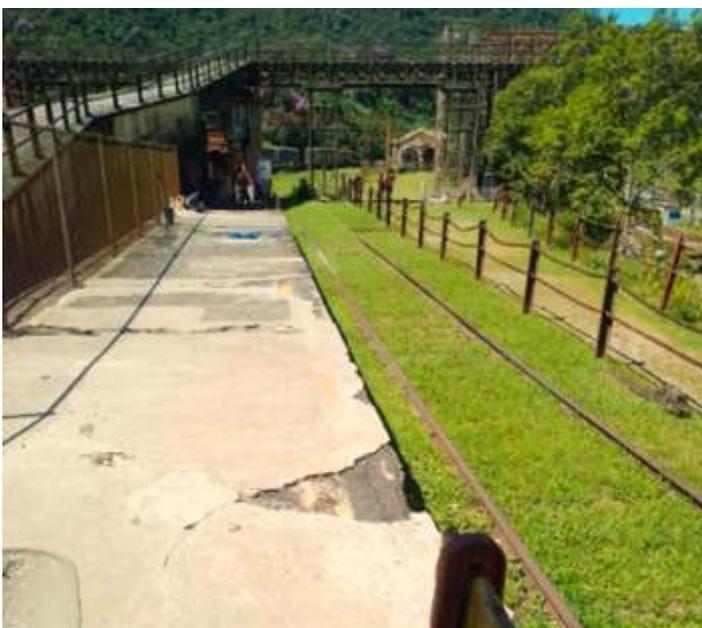
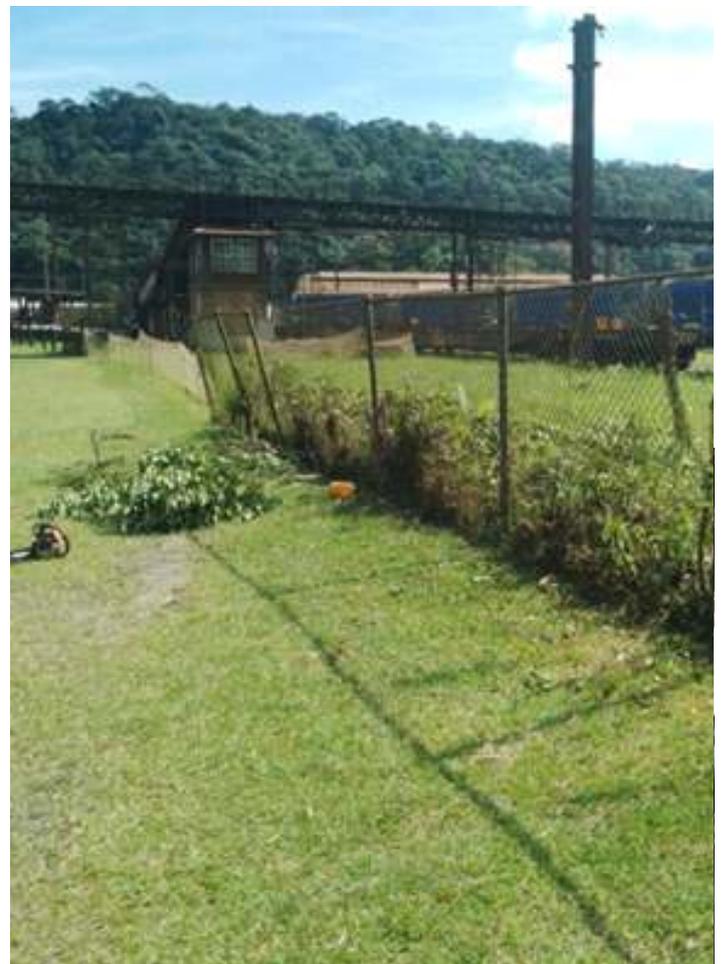
◆ Remoção das telhas de amianto instaladas pela RFFSA no final dos anos 70 que estavam quebradas e soltas da estrutura, ameaçando a segurança dos visitantes.



◆ Aspecto da oficina de locobreques após a reparação de todo o telhado.



♦ A limpeza de toda a área do museu é feita de forma constante; a vegetação cresce muito rapidamente devido a umidade.



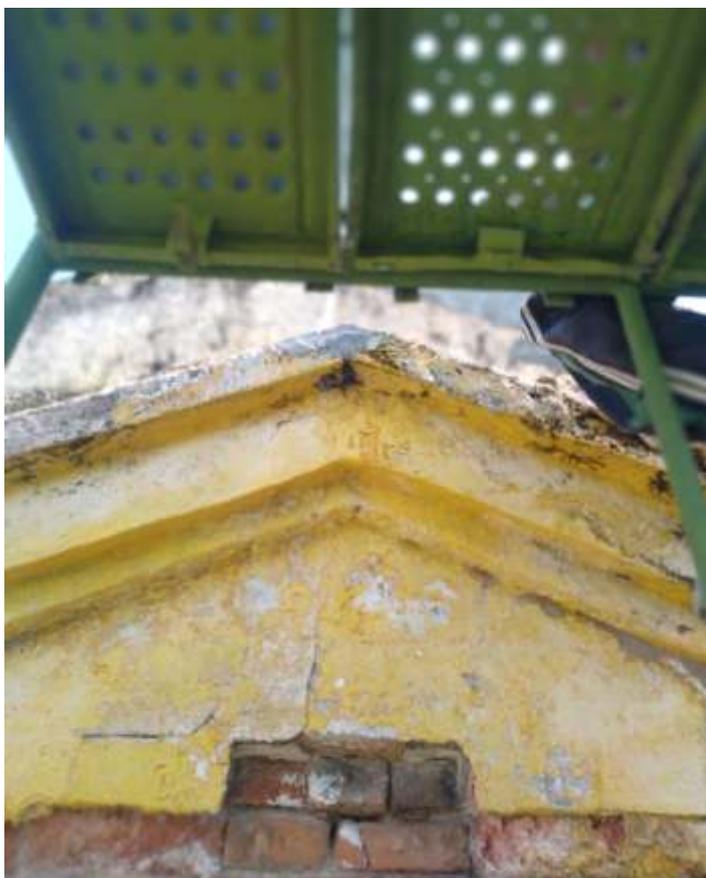
♦ A limpeza de toda a área do museu é feita de forma constante; a vegetação cresce muito rapidamente devido a umidade.



◆ *Telhado da parte que compreende o depósito dos Locobreques e Carro de passageiro já parcialmente limpo de limo e vegetação característica do local.*



◆ *Vista da lateral do prédio da 4 Machina após limpeza na parte inferior, grade metálica e roçada de mato na edificação.*



◆ *Início da limpeza do depósito dos Locobreques e vagões, já parcialmente limpo de limo e vegetação característica do local.*



◆ *A grade metálica pós limpeza e início da roçada de mato na edificação.*

Ademais, foram realizadas várias intervenções de manutenção na portaria de acesso ao Museu, com limpeza e recomposição da alvenaria nas escadas de acesso e sua posterior pintura na cor *Vermelho* (Cor Pantone 19-1554-TPG *Vermelho Savvy*), a exemplo das demais edificações da “Vila Inglesa”, revitalizando o conjunto e tornando sua apresentação mais condizente com os propósitos de atração turística e histórica da Vila de Paranapiacaba.



♦ Aplicação inicial de selante para uma melhor fixação da tinta a ser aplicada.



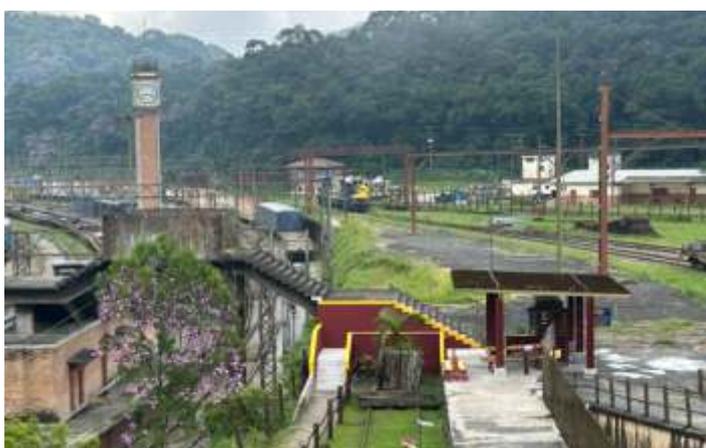
♦ A cor característica do local o Vermelho (Cor Pantone 19-1554-TPG *Vermelho Savvy*).



♦ A “máscara” para a pintura do amarelo na borda dos degraus, que criam um detalhe muito interessante a construção.



♦ O amarelo já se destacando na parte superior da parede, com o Vermelho Savvy, cor característica de Paranapiacaba.



♦ O acesso em destaque já com a pintura finalizada, vista da passarela sentido SP, com o clássico relógio ao fundo.

Foi feita ainda a pintura e a manutenção completa da catraca de acesso do tipo “Roto-Dyne”, característica da E.F. Santos a Jundiáí, bem como prospecção dos bancos da plataforma para revitalização, melhora do madeiramento dos assentos e repintura.



♦ Pintura e parte da manutenção completa da catraca de acesso do tipo “Roto-Dyne”.

Foram realizados ainda testes de iluminação cênica dos equipamentos da 5ª Machina de Planos Inclinados, com o objetivo de realçar o conjunto mecânico preservado, aprimorar a experiência museológica de nossos visitantes e possibilitar futuras visitas noturnas ao conjunto, expandindo as possibilidades dos usos históricos e museológicos do espaço.

Como observado, diversas ações vem sendo realizadas ao longo dos anos no museu visando a sua conservação e melhoria. São diversos desafios que vão sendo enfrentados e resolvidos dentro das possibilidades. Toda e qualquer ação depende de muito planejamento, organização e dos prazos necessários para os trâmites legais dentro de cada órgão responsável. Não há inércia em relação ao museu, que vem recebendo há anos a atenção necessária e, espera-se avançar muito ainda neste ano.



♦ Teste de iluminação área externa do museu.



♦ Teste de iluminação na 5ª Machina.